

O Renascimento da Escola Austríaca – À Luz da Economia Austríaca*

*Joseph T. Salerno***

Resumo: Salerno neste artigo nos relata como o austrianismo se desenvolveu desde Menger até os dias atuais. Mostra as divergências existentes entre os economistas austríacos e como a Escola Austríaca renasceu a partir dos trabalhos e da tenacidade de Murray Rothbard.

Palavras-chave: Austrianismo, Libertarianismo, Niilismo, Praxeologia.

The Rebirth of Austrian Economics – In Light of Austrian Economics

Abstract: Salerno in this article shows how Austrianism developed from Menger to the present day. He presents the differences between the Austrians and how the rebirth of the Austrian School happened by the work and tenacity of Murray Rothbard.

Keywords: Austrianism, Libertarianism, Nihilism, Praxeology.

Classificação JEL: B25, B13

* Artigo publicado originalmente em inglês no *The Quarterly Journal of Austrian Economics*, Volume 5, Number 4 (Winter 2002): 111-28, editado pelo Ludwig von Mises Institute.
Traduzido do inglês para o português por Márcia Xavier de Brito.

** **Joseph T. Salerno** é professor de Economia no departamento de Finanças e Economia na Lubin School of Business da Pace University em New York, vice presidente acadêmico do Ludwig von Mises Institute e editor da *Quarterly Journal of Austrian Economics*. recebeu seu Ph.D. em Economia pela Rutgers University, New Brunswick, New Jersey. É Dr. Salerno publicou mais de cinquenta artigos e ensaios em revistas acadêmicas ou coletâneas de ensaios. É autor de *Money: Sound and Unsound* (Ludwig von Mises Institute, 2010) e editou ou co-editou vários livros como *Prices and Production and Other Works: F.A. Hayek on Money, the Business Cycle and the Gold Standard* (Ludwig von Mises Institute, 2008) e *A History of Money and Banking in the United States: The Colonial Era to World War II* de Murray N. Rothbard (Ludwig von Mises Institute, 2005), dentre outros.
E-mail: jsalerno@pace.edu

Como os seres humanos não são mentes separadas do corpo que absorvem um novo conhecimento de modo instantâneo e gratuito, cada movimento científico, caso deva evoluir e progredir, requer um arcabouço institucional. Por arcabouço institucional de uma ciência, pretendo indicar um conjunto de recursos complementares que visam desenvolver as ideias e teorias, disseminando-as entre pesquisadores e professores atuantes, inculcando-as nos estudantes e nos intelectuais públicos simpatizantes. As instituições que fazem parte dessa estrutura são os institutos de pesquisa e as bibliotecas, as escolas de pós-graduação, as conferências e colóquios regulares, as séries de livros e as revistas acadêmicas. É claro, a construção de tal arcabouço institucional requer a capacidade de dispor de recursos reais, isso é, a propriedade, e a vontade de empregar essa propriedade, de maneira exclusiva e sem desvios, no progresso da ciência¹. As imitações ridículas da “biologia” do nacional-socialismo, da “física” da União Soviética e da “nova Economia” keynesiana podem nos ensinar que a base da propriedade que compõe o arcabouço institucional da ciência deve ser inteiramente privada e independente do Estado.

Há uma exceção a esse princípio-chave sociológico do progresso científico. Um talento criativo tal como Carl Menger (1840-1921), Ludwig von Mises (1881-1973) ou Murray N. Rothbard (1926-1995), ao trabalhar em isolamento e fora de um arcabouço institucional bem desenvolvido pode fazer a ciência progredir amparado apenas nos próprios recursos. Diante da ausência de um vínculo institucional com institutos de pesquisa, de programas e revistas acadêmicos apropriados a seu trabalho, os frutos do talento

¹ O termo “propriedade” é utilizado aqui no sentido de Menger, um complexo de bens econômicos complementares comprometidos a uma escala unitária de fins:

À soma total dos bens do domínio econômico do indivíduo para a satisfação de necessidades, chamamos de propriedade. A propriedade dele, no entanto, não é uma quantidade de bens arbitrariamente reunida, mas um reflexo direto de suas necessidades um todo integrado, em que nenhuma parte essencial pode ser diminuída ou aumentada sem afetar a execução do fim a que serve. (MENGER, Carl. **Principles of Economics**. Trad. J. Dingwall e Bert. F. Hoselitz. Nova York: New York University Press, 1981. p. 76)

irão atrair poucos pesquisadores atuantes e, após a morte do autor, irão rapidamente murchar na videira e a ciência, por fim, retroagirá. Pode acontecer de um segundo talento criativo surgir no cenário como aluno ou *protégé* do progenitor de novas ideias e que seja capaz de desenvolver a ciência além das linhas traçadas por seu mestre. A Economia Austríaca, certamente, beneficiou-se de tais acasos felizes nos relacionamentos intelectuais, como os entre Carl Menger e Eugen Böhm-Bawerk (1851-1914), Böhm-Bawerk e Mises, Mises e Rothbard. A ciência não pode depender de tais acasos felizes, todavia, para garantir seus avanços no longo prazo. Ademais, a ciência progride de maneira muito mais certa e rápida quando os problemas são abordados por ângulos diferentes, por inúmeras inteligências raras e individualizadas que se comunicam ativamente entre si. Por fim, uma ciência em progresso não pode continuar sendo o domínio de gerações de mentes solitárias porque o homem, seja ou não um gigante mental entre as espécies, não é infalível na busca pela verdade. As ideias e teoremas requerem avaliações críticas severas e desinteressadas que só podem ser oferecidas por outros intelectos. Como Mises afirmou:

O homem nunca poderá ser onisciente. Nunca poderá ter absoluta certeza de não serem equivocadas as suas conclusões e de não ser um erro aquilo que considera uma verdade incontestável. O mais que o homem pode fazer é submeter sempre todas as suas teorias ao mais rigoroso exame crítico².

Após argumentar que um arcabouço institucional baseado na propriedade é indispensável para o progresso sustentável na busca da verdade científica, dirijo-me agora à tese contrária, defendida pelo brilhante fundador da Economia Austríaca, Carl Menger.

I - O ERRO FATÍDICO DE MENGER

Apesar do pioneiro brilhantismo na teoria econômica, Menger tinha uma concepção

² MISES, Ludwig von. **Ação Humana: Um Tratado de Economia**. Trad. Donald Stewart, Jr. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 2ª ed., 1995. p. 71.

falha da sociologia do empreendimento científico. Negava, por palavra e ações, a proposição de que instituições racionalmente projetadas, construídas por meios escassos, tangíveis, eram necessárias para combater agressivamente ideias errôneas e promover a verdade científica na Economia. Seu seguidor imediato mais famoso, Böhm-Bawerk, tinha a mesma ideia errada. Esse erro conceitual é resumido na seguinte afirmação descoberta por Friedrich August von Hayek (1899-1992), após a morte de Menger, entre os artigos não publicados: *“Só existe um método seguro para a vitória final da ideia científica, isto é, deixar que toda proposição contrária tenha curso livre e pleno”*³. A máxima foi traduzida noutra lugar de maneira um tanto diferente: *“Não há meio melhor de expor o absurdo de um modo de raciocínio que deixá-lo seguir o curso completo até o fim”*⁴.

Infelizmente e, em parte, para o prejuízo da Economia Austríaca, tanto Menger quanto Böhm-Bawerk aderiram rigidamente na prática a tal dito. Menger nunca tentou engajar-se na política acadêmica para obter nomeações para os seguidores. Nem Böhm-Bawerk jamais usou sua forte influência como Ministro das Finanças e depois como ex-estadista proeminente em postos acadêmicos para promover a nomeação acadêmica de economistas simpáticos a seus pontos de vista. Menger, ocasionalmente, embora sem sucesso, tentou bloquear as nomeações acadêmicas daqueles que flagrantemente não estavam familiarizados com a Economia, mas Böhm-Bawerk evitou até mesmo esse tipo de ação. De fato, Böhm-Bawerk, o liberal clássico, até promoveu a candidatura do anti-austríaco furioso e proto-nacional-socialista Othmar Spann (1878-1950) para uma posição acadêmica em um instituto técnico⁵. Böhm-Bawerk, persistentemente, também alardeou o brilhantismo do jovem Joseph Schumpeter

(1883-1950) nas cartas a outros eminentes economistas e o ajudou a obter uma posição de prestígio como um dos mais jovens professores do Império Austro-húngaro, apesar de Böhm-Bawerk discordar profundamente do ponto de vista de Schumpeter de que a Economia tratava de quantidades de coisas sem motivação, em vez de ser motivada por ações humanas, e que os modelos de equilíbrio matemático eram o cerne da ciência econômica⁶. O resultado de Menger e do preceito autoimposto de Böhm-Bawerk contra a intervenção para construir um ambiente institucional mais condutivo para a disseminação e desenvolvimento das doutrinas econômicas foi devastador para a causa da ciência econômica. O professorado de Economia da universidade Austro-húngara foi ocupado, quase exclusivamente, por discípulos do historicismo alemão que se opunham cruelmente à Economia Teórica, em geral, e à Economia Austríaca, em particular, e conspiraram contra os seguidores de Menger assumirem os cargos⁷.

Menger e Böhm-Bawerk, de fato, chegaram a limites absurdos ao aplicar o princípio de permitir a verdade científica emergir espontaneamente e a recusar, propositadamente, a moldar e implantar os meios institucionais que estavam à disposição para promover seus pontos de vista econômicos. Por exemplo, Mises lamentou que no famoso seminário de Böhm-Bawerk, que assistiu de 1904 a 1913, Böhm-Bawerk, deliberadamente tenha renunciado à uma parte importante de sua responsabilidade como líder do seminário ao dotar cada participante de uma “extraordinária liberdade de expressão”. Como era de se esperar, essa liberdade foi, ocasionalmente, usada de maneira abusiva por oradores sem consideração e, mais flagrantemente, pelo pensador incompreensível e marxista fanático, Otto Neurath (1882-1945)⁸. Menger não estava nem ao menos preocupado com que seus escritos continuassem

³ Citado em: MISES, Ludwig von. **Notes and Recollections**. Trad. Hans F. Sennholz, South Holland: Libertarian Press, 1978. p. 38.

⁴ Citado em: MISES, Ludwig von. **The Historical Setting of the Austrian School of Economics**. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 1984. p. 36.

⁵ MISES. **Notes and Recollections**. p.37.

⁶ SALERNO, Joseph T. The Place of Human Action in the Development of Modern Economic Thought. **Quarterly Journal of Austrian Economics**, v. 2, n. 1. p. 41-42.

⁷ MISES. **Notes and Recollections**. p. 38.

⁸ Ibidem. p. 40-41.

a ser publicados. Assim, recusou-se a permitir a publicação de uma segunda edição do pioneiro *Princípios de Economia*, apesar dos seguintes fatos: o livro estava há muito tempo esgotado; os preços do livro usado tinham aumentado vertiginosamente, e seu editor, repetidas vezes, pedira seu consentimento⁹.

Mises resumiu os motivos por essa inclinação anômala para essa autoabnegação acadêmica por parte de Menger e Böhm-Bawerk. Os primeiros economistas austríacos, descreveu, acreditavam:

Que embora fosse o dever de uma mente pioneira fazer tudo aquilo que suas faculdades a permitisse realizar, não era sua incumbência fazer propaganda das próprias ideias, muito menos utilizar métodos questionáveis para tornar seus pensamentos palatáveis para o público [...]. A principal e única preocupação dos economistas austríacos era contribuir para o progresso da Economia. Nunca tentaram ganhar o apoio de ninguém por outros meios senão o poder do convencimento apresentado nos livros e artigos. Viam com indiferença o fato das universidades dos países de língua alemã, e mesmo de algumas universidades austríacas, serem hostis à Economia como tal e, ainda mais, às novas doutrinas econômicas do subjetivismo¹⁰.

Infelizmente, o próprio Mises era ambivalente sobre se o progresso na descoberta da verdade econômica deveria continuar oculto na obra de pensadores criativos isolados ou se requereria um arcabouço institucional racionalmente construído. Por vezes parecia tender à visão de Menger, escrevendo, certa vez, que Menger e Böhm-Bawerk

[...] sabiam que economistas não podiam ser criados. Como pensadores pioneiros e criativos, estavam plenamente conscientes de que o progresso científico não pode ser organizado e a inovação não pode ser criada segundo um plano¹¹.

A tentativa de defesa de Mises dos dois mestres queridos, no entanto, não compreen-

deu uma coisa. Menger e Böhm-Bawerk, na verdade defendiam, em contradição com as próprias percepções econômicas, bem como, com o próprio comportamento como pesquisadores incansáveis, que o avanço na descoberta da verdade econômica não poderia ser acelerado pela alocação propositada de meios concretos escassos ou “bens econômicos” ao empreendimento científico.

Um dos muitos *insights* brilhantes de Menger envolvia a identificação de pré-requisitos de um bem econômico¹², que inclui o poder de dispor da coisa que satisfaz a necessidade ou o fim humano. Um dia quente e ensolarado, em determinado tempo e local, por mais desejável que seja aos seres humanos, não é um bem, já que somos incapazes de controlar as forças naturais cuja concatenação os produz. Diferente disso, a melhoria da compreensão das leis econômicas, certamente, fia-se em vários cientistas econômicos, institutos de pesquisa, programas de pós-graduação, revistas acadêmicas, etc. Todos são meios concretos e complementares para o progresso da ciência econômica e aumentam a produtividade do gênio criativo, bem como de todos nós, economistas comuns, que contribuimos de modo incremental para o edifício da Economia praxeológica. O próprio Menger teria de admitir que não poderia ter sido tão produtivo caso não tivesse à disposição os próprios livros, revistas acadêmicas, utensílios de escrita e papel. Uma vez que tudo foi dado, fica claro que a nova verdade econômica não emana espontaneamente do intelecto do eventual gênio que, por acaso, está em campo, mas é alcançada como resultado de uma atividade decidida. A *nova* verdade econômica – como o amor romântico ou o gosto estético – é, portanto, um bem econômico, mas não um bem cambiável. Isso quer dizer que é um fim valioso para os que o buscam, e sua descoberta ou “produção” envolve o uso de recursos escassos, embora o produto final não possa ser comprado e vendido diretamente no mercado¹³. Ademais, sugere que a redução na oferta

⁹ MISES. *The Historical Setting of the Austrian School of Economics*. p. 39.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ MISES. *Notes and Recollections*. p. 37.

¹² MENERG, Carl. *Principles of Economics*. p. 52-53.

¹³ Isso não nega, é claro, o conhecimento de leis econômicas previamente descobertas, como as presentes nos livros, revistas acadêmicas e palestras, por exemplo, possam ser intercambiadas no mercado.

de propriedade comprometida com essa busca e difusão, tudo mais equiparado, pode muito bem levar à estagnação científica ou ao retrocesso e à substituição da verdade econômica pela falácia econômica no campo das questões práticas. Dessa maneira, mesmo que admitamos, por um momento, o argumento de Menger de que a verdade espontaneamente triunfará em um longo prazo não especificado após todos os erros econômicos, por fim, se esgotarem, nesse ínterim, podem ocorrer períodos de graves retrocessos científicos que venham a destruir as bases econômicas da cultura e da civilização. Testemunhamos tais períodos nas sete décadas de existência da União Soviética e na Alemanha Nacional-Socialista dos anos 1930. Em ambos os casos, a própria base da ciência foi totalmente absorvida e revolucionada pelo Estado.

Isso nos leva a Böhm-Bawerk, cuja grande contribuição à ciência econômica é o conceito de preferência temporal¹⁴. Segundo esse conceito, os atores humanos, *ceteris paribus*, preferem sistematicamente os bens disponíveis num futuro imediato aos mesmos bens disponíveis num futuro mais remoto. Isso significa que todo ator tem um horizonte temporal finito, além do qual a provisão de bens não tem valor¹⁵. Uma vez que a doutrina de Menger não especifica quando a verdade econômica finalmente irá derrotar a ignorância econômica e o erro, ela pode muito

bem ficar além do horizonte temporal praxeológico de todos. Além disso, mesmo se não o fizer, a realização estará num futuro tão distante que o valor diferencial entre uma primeira obtenção da verdade resultante da busca científica intencional e sua posterior emergência espontânea pode mais que recompensar o gasto substancial de recursos necessários à construção de um arcabouço institucional apropriado para promover o progresso científico.

A doutrina de Menger e de Böhm-Bawerk de que a busca pela verdade científica é puramente um exercício intelectual que não requer base própria é claramente errônea e contradiz flagrantemente as próprias contribuições pioneiras de ambos à teoria econômica. De fato, a percepção desses primeiros austríacos de que a obtenção de qualquer objetivo requer a disponibilidade de uma estrutura de bens escassos, complementares, nos oferece uma poderosa ferramenta teórica com que interpretar o renascimento moderno da Economia Austríaca. Assim, a Economia Austríaca é levada a explicar o próprio ressurgimento.

II - O RENASCIMENTO MODERNO DA ECONOMIA AUSTRIACA: OS PAPÉIS DA PROPRIEDADE E DO GÊNIO

A importância do arcabouço institucional para o progresso científico pode ser ilustrada ao descrever a interação entre propriedade e gênio criativo no moderno renascimento da Economia Austríaca. Há três fases distintas nesse ressurgimento que coincidem, grosso modo, com as diferenças radicais no ambiente insitucional.

II.1 - Fase 1: O Florescimento do Gênio (1962-1976)

No quartel de século que vai até os anos 1960, a Economia Austríaca como movimento científico estava moribunda. A abordagem da teoria econômica com base no valor subjetivo e na proto-praxeologia, iniciada por Menger em 1871 atraía um número cada vez maior de se-

Isso explica, no entanto, por que as receitas dos pesquisadores exclusivos em qualquer ciência, mas especialmente nas ciências sociais, são tão precários numa economia de livre-mercado e, conseqüentemente, por que os cientistas sociais tão prontamente figuram como apologistas pagos pela contínua expansão do Estado e de sua série de atividades. Sobre o conceito de "bens não intercambiáveis", ver: ROTHBARD, Murray. **Man, Economy and State: A Treatise on Economic Principles**. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 3ª ed, 1993. p. 183-84; WICKSTEED, Philip. **The Common Sense of Political Economy and Selected Papers and Reviews on Economic Theory**. Ed. Lionel Robbins. New York: Augustus M. Kelley, 1965. p. 132-33.

¹⁴ BÖHM-BAWERK, Eugen von. **Capital and Interest – Volume 2: Positive Theory of Capital**. Trad. George D. Huncke. South Holland: Libertarian Press, 1959. p. 259-73.

¹⁵ Sobre essa importante conclusão de preferência temporal, ver: MISES. **Ação Humana**. p. 538-39.

guidores e pesquisadores atuantes do início da década de 1880 até a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Além de Böhm-Bawerk, Friedrich von Wieser (1851-1926), Mises e outros na Áustria, incluindo os proeminentes membros da antiga escola de economia liberal na França e na Itália inspirada em Frédéric Bastiat (1801-1850), tais como Paul Leroy-Beaulieu (1843-1916), Maurice Block (1816-1901) e Augusto Graziani (1865-1944), bem como os teóricos econômicos anglófonos J. B. Clark (1847-1938), Frank A. Fetter (1863-1949), Herbert J. Davenport (1861-1931) e Philip Wicksteed (1844-1927). De vanguarda da teoria econômica neoclássica às vésperas da guerra, a Economia Austríaca entrou em declínio de maneira incrivelmente rápida, em particular nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, sendo eclipsada pelas abordagens marshalianas e walrasianas durante as décadas de 1920 e 1930. Em meados dos anos 1930 não havia mais Escola Austríaca, no sentido de uma comunidade de estudiosos, autoconsciente e institucionalmente firmada, envolvida em pesquisas efetivas e diálogo com a tradição mengeriana¹⁶. Com a publicação de *Nationalökonomie*, em 1940, o predecessor em língua alemã de *Ação Humana*, Ludwig von Mises sozinho recuperou e fez progredir enormemente a característica tradição austríaca em pura teoria econômica¹⁷. Dentre os diversos feitos notáveis, Mises explicitamente interligou o valor e a teoria de preços de Menger com uma ciência abrangente da ação humana que intitulou “praxeologia”. Infelizmente, o

grande tratado de Mises e o paradigma praxeológico nela formulado foram completamente negligenciados pelos economistas profissionais do pós-guerra e fracassaram na inspiração do movimento científico austríaco de renovação, embora a obra *Ação Humana* tenha lançado as bases para seu posterior renascimento¹⁸.

Durante os anos 1950, o próprio Mises continuou a trabalhar nela e a elaborar o paradigma, contribuindo com um importante tratado metodológico, *Teoria e História*. Existiam outros poucos livros que foram publicados por estudiosos esparsos durante a década que trouxeram notáveis contribuições para a teoria e o método austríacos. *Capital and its Structure* [O Capital e sua Estrutura] de Ludwig M. Lachmann (1906-1990), de 1956, demonstrou que a estrutura de capital de uma economia industrial é uma intrincada teia de recursos complementares, constantemente reconfigurados pelos empreendedores em resposta às mudanças antecipadas nos preços de mercado. O livro de Henry Hazlitt (1894-1993), *The Failure of the ‘New Economics’* [O Fracasso da ‘Nova Economia’], de 1959, apresenta uma demolição completa da trama falaciosa que era a macroeconomia keynesiana e, nesse processo, oferece uma síntese original do pensamento austríaco em uma ampla série de questões macroeconômicas. Por fim, Israel Kirzner, ex-aluno de doutorado de Mises e monitor de pós-graduação na New York University, publicou sua dissertação com o título *The Economic Point of View* [O Ponto de Vista Econômico] em 1976, uma análise e crítica de várias visões a respeito da definição e escopo da ciência econômica chegando até a concepção de Mises de Economia como um ramo da Praxeologia¹⁹.

¹⁶ Para um relato da ascensão e queda da Escola Austríaca primitiva, ver: SALERNO, Joseph T. The Place of Human Action in the Development of Modern Economic Thought, *Quarterly Journal of Austrian Economics*, 2 (1). p. 35-37. Para a influência de Menger nas escolas liberais francesas e italianas posteriores, ver também: SALERNO, Joseph T. The Neglect Bastiat’s School by English-Speaking Economists: A Puzzle Resolved, *Journal des Économistes et des Études Humaines*, n. 11, junho-setembro. p. 485-86.

¹⁷ Sobre as diferenças entre *Nationalökonomie* e *Ação Humana*, ver: HERBENER, Jeffrey M. ; HOPPE, Hans-Hermann & SALERNO, Joseph T. Introduction to the Scholar’s Edition. In: MISES, Ludwig von. **Human Action: A Treatise on Economics**. Scholar’s Edition. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 1998. p. xv-xvii.

¹⁸ Sobre outros avanços significativos na teoria econômica austríaca da *Ação Humana* e os motivos do fracasso desse tratado para impactar a profissão econômica de *mainstream*, ver: SALERNO, Joseph T. The Place of Human Action in the Development of Modern Economic Thought. *Quarterly Journal of Austrian Economics* 2 (1). p. 57-61.

¹⁹ Apesar das muitas virtudes, um inconveniente do tratamento de Kirzner, que será analisado em maiores detalhes mais adiante, foi o exagero da diferença entre o conceito de Robbins, e de Menger, do “homem

Dois ensaios publicados durante os anos 1950 também merecem nota pelas contribuições substantivas ao edifício da teoria econômica austríaca. Em “The Significance of Price Flexibility” [O Significado da Flexibilidade de Preços], originalmente publicado como um artigo acadêmico em 1954, William H. Hutt (1899-1988) explicou o conceito daquilo que chamou de “dinâmica das consequências coordenativas do ajuste de preço, ou, coordenação de preço” abreviadamente – isso estava mais ou menos implícito na tradição econômica austríaca de Menger a Mises. Hutt argumentou que, a qualquer momento, a estrutura dos preços atuais que emergem nos fatores do mercado foi moldada pela oferta competitiva de empreendedores por receitas à luz de suas avaliações individuais (falíveis) dos preços nos mercados futuros de bens de consumo²⁰. Esse processo de precificação empresarial põe em risco a atual e contínua coordenação das receitas reais de preços com a expectativa de preço de saída, que, por sua vez assegura tanto a plena utilização dos estoques de recursos disponíveis como a alocação para aqueles usos de maior valor monetário *antecipado* para os consumidores, isto é, a maximização dos produtos da receita marginal esperada de todos os recursos²¹.

O segundo ensaio prominente publicado durante essa década foi “Toward a Reconstruction of Utility and Welfare Economics” [Rumo à Reconstrução da Utilidade e da Economia do Bem Estar] de Murray Rothbard²². Nesse ensaio,

economizador” e o conceito miseano de “homem ativo”.

²⁰ HUTT, William H. The Significance of Price Flexibility. In: **Individual Freedom: Selected Works of William H. Hutt**. Ed. Svetozar Pejovich e David Klingaman. Westport: Greenwood Press, 1975. p. 130-46.

²¹ Para uma avaliação e elaboração das implicações do conceito de Hutt da coordenação de preços para a Economia Austríaca contemporânea, ver: SALERNO, Joseph T. The Concept of Coordination in Austrian Macroeconomics. In: EBELING, Richard M. (Ed.). **Austrian Economics Perspective on the Past and Prospects for the Future**. Hillsdale: Hillsdale College Press. p. 325-43.

²² ROTHBARD, Murray N. Toward a Reconstruction of Utility and Welfare Economics. In: SENNHOLZ, Mary

Rothbard finalmente apresentou e formalizou a abordagem “preferencialmente demonstrada”, puramente ordinal, da análise da utilidade inerente à Economia Austríaca desde o início do século XX. Utilizou, pois, a abordagem austríaca reconstruída para criticar as abordagens contemporâneas, *mainstream*, à teoria da utilidade que eram nominalmente ordinais, mas variadamente marcadas por erros do behaviourismo, do psicologismo, do cardinalismo e da constância pressuposta de preferências. Com base na sua abordagem de preferência demonstrada Rothbard continuou a constatar que as diversas variantes do modelo de economia do bem estar neoclássica eram profundamente falhas e nada científicas porque se baseavam em comparações interpessoais de utilidade ou acolhiam implícitos julgamentos de valor. Rothbard concluiu o ensaio esboçando uma abordagem original à economia do bem estar científica, purificada de todo julgamento de valor e baseada em um conceito rigorosamente ordinal de utilidade.

Esse punhado de contribuições esparsas à Economia Austríaca oriundos dos anos 1950, no entanto, poderiam ter sido os estertores da escola em vez de serem o prelúdio de seu renascimento, não fosse o gênio criativo de Murray Rothbard que veio a dar frutos no início da década de 1960. O ressurgimento da Economia Austríaca como movimento científico vivo remonta à publicação da obra de Rothbard, *Man, Economy and State* [Homem, Economia e Estado] em 1962, uma contribuição à Economia Austríaca e à Economia pura em geral que figura entre uma das mais brilhantes realizações na história do pensamento econômico. O livro era um tratado de dois volumes de quase mil páginas, escrito num inglês fascinante que deduzia logicamente, passo a passo, todo o *corpus* da teoria econômica do fato inegável de existir uma ação humana intencional. Integrou os *insights* e teoremas de dúzias de economistas austríacos anteriores, de Menger

(Ed). **On Freedom and Free Enterprise: Essays in Honor of Ludwig von Mises**. Princeton: D. Van Nostrand, 1956. p. 224-56 (Reimpresso em: ROTHBARD, Murray N. **The Logic of Action 1: Method, Money and the Austrian School**, Cheltenham: Edward Elgar, 1997).

a Mises em um conjunto de princípios científicos sistemático e abrangente de teoria econômica. Talvez, a maior das muitas contribuições de Rothbard em seu tratado tenha sido a elaboração de uma teoria unificada da produção, que vai do capítulo 5 ao 12 do tratado e abarca a estrutura de capital, a determinação da taxa de juros, o fator de precificação, o papel empresarial na produção. Embora muitos elementos da teoria tenham sido desenvolvidos previamente por vários economistas austríacos, nunca haviam sido totalmente integrados e vários elementos ainda faltavam. O tratamento metódico de Rothbard da produção consertou uma das lacunas mais sérias que continuavam a existir na Economia Austríaca após Mises. O livro de Rothbard também continha críticas às teorias neoclássicas e keynesianas contemporâneas e uma análise crítica das típicas intervenções estatais na economia. Rothbard prosseguiu com a obra *America's Great Depression* [A Grande Depressão Americana], de 1963, e, no mesmo ano, *What Has Government Done to Our Money?* [O que o Governo fez ao nosso Dinheiro?]. O primeiro livro aplicou a teoria austríaca dos ciclos econômicos à análise das causas da Grande Depressão nos Estados Unidos e os efeitos das políticas governamentais implementadas para curá-la. O livro representou um modelo para obras futuras em Economia Austríaca aplicada. O outro era um livreto que pretendia ser uma cartilha sobre teoria monetária austríaca, mas nele Rothbard iniciou uma análise histórico-praxeológica da transformação do padrão ouro em moeda fiduciária, uma extensão do famoso teorema da regressão de Mises.

Em 1970, Rothbard publicou *Power and Market* [Governo e Mercado], uma análise e tipologia exaustiva, com base na teoria econômica do valor livre de uma miríade de intervenções governamentais na economia. Uma das muitas inovações foi identificar e analisar a tributação e o gasto governamental como tipos de intervenção na economia de livre mercado, em vez de serem vistos como meios necessários para criar e reforçar o arcabouço jurídico para a economia de mercado, como há muito é a visão convencional dos economistas. O livro contém a primeira análise dos serviços de defesa no livre mercado

a partir da perspectiva austríaca, bem como a pioneira crítica praxeológica *Wertfrei* [ausente de valores, neutra] da ética anti-mercado. Em 1973, Rothbard publicou *For a New Liberty* [Por uma Nova Liberdade], uma obra de Economia Política libertária que apresentou o primeiro argumento em defesa de uma sociedade puramente anarcocapitalista baseada numa ética de direitos naturais. O livro também era de uma argumentação rica em detalhes e exemplos sobre como o livre-mercado ofereceria serviços até o momento ofertados pelo Estado. Uma coleção de ensaios previamente publicados sobre Economia Política e Filosofia Social, *Egalitarianism as a Revolt against Nature and Other Essays* [Igualitarismo como uma Revolta contra a Natureza e Outros Ensaios], apareceram em 1974.

Nessas obras Rothbard não somente desenvolveu, mas deu novos contornos ao paradigma praxeológico a tal ponto de seu nome estar inextricavelmente ligado aos maiores pensadores da Economia Austríaca: a linhagem da Economia Austríaca desse momento em diante são as obras de Menger, Böhm-Bawerk, Mises e Rothbard. A criação dessa coleção de obras, Rothbard – especialmente pela obra em teoria econômica pura – certamente podia ser tomado como um gênio trabalhando em isolamento intelectual. Foi somente em 1973 que Israel Kirzner publicou seu influente *Competition and Entrepreneurship* [Competição e Atividade Empresarial], uma contribuição à teoria econômica pura que ressaltava os aspectos empresariais e de equilíbrio do processo de mercado, numa tentativa de síntese das visões bruscamente divergentes de Mises e Hayek sobre o método e conteúdo da teoria econômica²³. O único outro livro notável publicado

²³ Além do *The Economic Point of View*, Kirzner publicou dois outros livros antes de *Competition and Entrepreneurship* [Competição e Atividade Empresarial], um livro texto em 1963 (**Market Theory and Price System**, Princeton: D. Van Nostrand) sobre teoria de preços, e outra monografia em 1966 (**An Essay on Capital**, Nova York: Augustus M. Kelley), descrita como “prólogo à teoria do capital”. Apesar de possuir ideias originais que prefiguram a nova perspectiva da teoria econômica austríaca formulada em *Competição e Atividade Empresarial*, essas obras não têm inspirado novos estudiosos da Escola Austríaca a buscar uma

nesse período segundo a tradição austríaca foi publicado foi *The Myths of Antitrust* [Os Mitos do Antitruste]²⁴ do jovem economista Dominick T. Armentano, que aplicou a teoria austríaca para uma crítica das leis antitruste norte-americanas. A abordagem teórica de Armentano à competição e ao monopólio na primeira edição, que foi consideravelmente revisada nas edições subsequentes sob a influência de Rothbard, era mais schumpeteriana que miseana. Por fim, uma série de ensaios e livretos que criticavam de maneira incisiva as teorias e políticas monetária contemporâneas a partir da perspectiva da economia monetária austríaca foi a contribuição de Hans F. Sennholz (1922-2007), um economista que tinha feito doutorado com Mises nos anos 1950²⁵. Dessa maneira, parafraseando a caracterização de Menger feita por Mises²⁶ podemos dizer: “até o início dos anos 1970, não existia a Escola Austríaca moderna. Havia somente Murray Rothbard”.

Sem negar suas energia ilimitada e capacidade criativa, devemos ressaltar, no entanto, que Rothbard não estava sem meios institucionais de apoio, embora fossem limitados. Desde 1952, quando iniciou a escrita de *Man, Economy and State*, até 1962, recebera doações e trabalhara para o libertário Volker Fund. Também recebeu uma doação da Earhart Foundation para escrever *A Grande Depressão Americana* e trabalhara

meio-expediente para a Foundation for Economic Education (FEE) desde o final dos anos 1940. Após a dissolução do Volker Fund em 1962, obteve uma doação “substancial” da Lilly Endowment para escrever uma história geral dos Estados Unidos²⁷.

O paradigma praxeológico reconstruído por Rothbard enraizou-se durante o final dos anos 1960 e início dos anos 1970, formando as mentes de dúzias de estudantes de pós-graduação norte-americanos e jovens professores, que estudaram suas obras sozinhos ou em pequenos grupos. Em meados dos anos 1970, o interesse na Economia Austríaca, estimulado pelas obras de Rothbard, tornara-se tão abrangente que o Institute for Humane Studies (IHS) que sucedera o extinto Volker Fund como o principal promotor da teoria econômica austríaca mais fiel e da política econômica libertária promoveu uma conferência sobre Economia Austríaca em South Royalton, Vermont, que reuniu mais de 30 participantes para ouvir palestras de Rothbard, Kirzner e do economista sul-africano nascido na Alemanha, Ludwig Lachmann, ex-pesquisador assistente de Hayek em meados dos anos 1930 e que escrevera sua dissertação na Universidade de Berlim sob orientação do historiador alemão Werner Sombart (1863-1941)²⁸. Uma conferência

nova agenda de pesquisa como fez *Competição e Atividade Empresarial*.

²⁴ A versão revisada e ampliada do livro foi publicada como: ARMENTANO, Dominick T. **Antitrust and Monopoly: Anatomy of a Police Failure**. New York: John Wiley and Sons, 1982.

²⁵ O mais importante desses ensaios foram: SENNHOLZ, Hans F. Chicago Monetary Tradition in the Light of Austrian Theory. In: HAYEK F. A. et al (Eds.). **Towards Liberty: Essays in Honor of Ludwig von Mises on the Occasion of his 90th Birthday**. Menlo Park: Institute of Humane Studies, 1973. 2v. vol. 2, p. 347-66; Idem. Inflation or Gold Standard? Lansing: Bramble Minibooks, 1973; Idem. No Shortage of Gold. In: **Gold is Money**. Westport: Greenwood Press, 1975. p. 41-60. Sennholz, mais tarde, publicou um valioso livro em que tratava dessas questões chamado *Age of Inflation* (Belmont: Western Islands, 1979).

²⁶ MISES, Ludwig von. **The Historical Setting of the Austrian School of Economics**, p. 10.

²⁷ Sobre as fontes de apoio financeiro das atividades acadêmicas de Rothbard durante o período, ver: RAIMONDO, Justin. **An Enemy of the State: The Life of Murray N. Rothbard**. Amherst: Prometheus Books, 2000.

²⁸ Para uma visão global da carreira de Sombart e a evolução torcida de seu pensamento sobre questões econômicas e políticas, que incluíram paixões passageiras tanto pelo marxismo como pelo Nacional-Socialismo, ver: BLAUG, Mark, Sombart, Werner (1863-1941), **Great Economists before Keynes: An Introduction to the Lives and Works of One Hundred Great Economists of the Past**. New York: Cambridge University Press, 1986. p. 236-38. Ver, também: MAI, Ludwig H. **Men and Ideas in Economics: A Dictionary of World Economists Past and Present**. Totowa: Littlefield, Adams, 1975. p. 211. Lachmann não foi corrompido pelas visões politico-econômicas de Sombart, embora o historicismo metodológico de Sombart tenha deixado uma marca duradoura no pensamento de Lachmann que veio à tona com bastante força nas últimas obras.

subsequente foi realizada no ano seguinte em Hartford, Connecticut, em que foram apresentados trabalhos de jovens professores e alunos de pós-graduação de orientação austríaca, comentados por economistas austríacos *seniors* e pelos seus companheiros de empreitada, como Rothbard, Kirzner, Henry Hazlitt, William H. Hutt, Hayek, Leland B. Yeager e Lachmann. No ano seguinte, 1976, uma terceira conferência menor foi realizada no Windson Castle na Escócia, e veio a ser a última conferência de alto nível centrada, exclusivamente, no avanço da Economia Austríaca durante algum tempo.

II.2 - Fase 2: Economia Austríaca sem "Aquela Pessoa" (1977-1986)

O motivo para o encerramento abrupto da série de conferências do IHS se deveu à mudança radical que sofreu o arcabouço institucional da Economia Austríaca naquele ano. Sem descer a detalhes, a nova fonte principal de recursos do IHS e do recém-instituído "think-tank" libertário Cato Institute, tomou a importante decisão, no final dos anos 1970, de deliberadamente minimizar a importância de Ludwig von Mises na Economia Austríaca pela intransigência radical de seu método, teoria e política econômicas correrem o risco de alienar os economistas de "livre-mercado" neoclássicos e moderados, os alunos de pós-graduação e os criadores de políticas públicas na área econômica cuja nova coligação financeira-institucional estava ávida por trazer para seu âmbito.

Com o passar do tempo, o nome de Mises foi sendo cada vez menos mencionado nas conferências e simpósios organizados por essas instituições financeiras aliadas e logo se tornou quase um anátema. Como Mises estava sendo descartado, a ênfase cada vez mais recaiu nas contribuições de Friedrich Hayek, que ganhara o Prêmio Nobel de Economia em 1974. Hayek cujos pontos de vista no pós-guerra sobre questões metodológicas tinham quase se equiparado aos do neo-positivista Karl Popper (1902-1994) e que era um social-democrata moderado disposto a aceitar intervenções governamentais limitadas características do moderno Estado de Bem

Estar Social, era muito mais palatável para os economistas *mainstream* de "livre-mercado"²⁹. O IHS também começou a promover ativamente a obra de Lachmann (1977) e co-patrocinou, juntamente com o Cato Institute, a publicação de um volume substancial de seus ensaios. Assim começou a era da "Economia Austríaca sem 'aquela pessoa'", que atravessou a década, de 1977 a 1986. Essa mudança súbita e revolucionária na visão estratégica por aqueles que controlavam a base patrimonial da emergente infraestrutura institucional da Economia Austríaca moderna calhou de coincidir e ser intensificada pelas crescentes rupturas dentro do movimento intelectual.

O partidarismo incipiente na economia austríaca já era aparente na conferência em South Royalton em 1974. Caso leiamos as palestras apresentadas naquela conferência, reunidas no

²⁹ Para a descrição de Hayek de como e quando veio a aceitar a "filosofia popperiana", ver: HAYEK, Friedrich A. von. **Hayek on Hayek: An Autobiographical Dialogue**. Ed. Stephen Kresge e Leif Wenar. Chicago: University of Chicago Press, 1994. p. 49-51. Os principais ensaios que Hayek que elaboram sua abordagem quase-popperiana às ciências sociais podem ser encontrados em: HAYEK, Friedrich A. von. *Degrees of Explanation, Studies in Philosophy, Politics and Economics*. New York: Simon and Schuster, 1969. p. 3-21; Idem. *The Theory of Complex Phenomena*. In: *Ibidem*. p. 22-42. Essa coleção de ensaios foi dedicada a Karl Popper. As concessões de Hayek à social-democracia e ao Estado de Bem Estar Previdenciário aparecem na terceira parte da obra *The Constitution of Liberty* de 1960 [Em português: HAYEK, Friedrich A. von. *A Liberdade no Estado Previdenciário*. In: **Os Fundamentos da Liberdade**. Trad. Anna Maria Capovilla e José Ítalo Stelle, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983. p. 307-465]. Em uma resenha desse livro, que, caso contrário, seria favorável, Mises acha "a terceira parte do livro do professor Hayek [...] um tanto decepcionante", pois sugere que o Estado Previdenciário é compatível com a liberdade sob determinadas condições (MISES, Ludwig von. *Liberty and Its Antithesis*. In: GREAVES, Bettina Bien (Ed.). **Economic Freedom and Interventionism: An Anthology of Articles and Essays**. Irvington-on-Hudson: Foundation for Economic Education, 1990. p. 151). Hoppe afirma que a visão de Hayek do papel do mercado e do Estado é praticamente indistinguível da visão do moderno social-democrata (HOPPE, Hans-Hermann. F. A. Hayek on Government and Social Evolution: A Critique. **Review of Austrian Economics**, v. 7, n. 1, p. 67-93).

livro *The Foundations of Modern Austrian Economics*, fica claro que Rothbard, Kirzner e Lachmann discordam em uma série de pontos fundamentais da teoria e do método econômicos³⁰.

³⁰ Devemos notar que a data do renascimento da Economia Austríaca depende da visão que se tenha do grau de homogeneidade da tradição austríaca anterior que culminou em Mises e Hayek. Essa é uma questão de intensa controvérsia que teve como resultado uma literatura volumosa e crescente. Aqueles que se identificam mais com as visões de Kirzner e Lachmann, como descritas acima no texto, tendem a negar a existência ou a importância de diferenças entre Mises e Hayek e estão dispostos a marcar o renascimento com a concessão do Prêmio Nobel a Hayek em 1974. Ao contrário, os que percebem dois ramos divergentes na Economia Austríaca que remonta Mises e Hayek aos respectivos mentores, Böhm-Bawerk e Wieser, tendem a concordar com o presente autor que o renascimento austríaco pode ser datado a partir da publicação de *Man, Economy and State* de Rothbard em 1962. Segundo o ponto de vista mais recente, desavenças teóricas profundas dividem o movimento austríaco contemporâneo em facções amplamente misesanas e outra hayekiana, desavenças estas que começam a vir à tona uma década após a publicação de *Man, Economy and State*, quando o renascimento austríaco já estava em pleno andamento. A controvérsia começou em 1990 com a tentativa do presente autor de “desomogeneizar” os pontos de vista de Mises e Hayek sobre o debate do cálculo socialista e isso foi progressivamente se ampliando para incluir assuntos como: o papel do cálculo *versus* o papel do conhecimento na teoria austríaca de preço; o ritmo e as causas da decadência da primeira Escola Austríaca; e, mais recentemente, se existiu uma tradição de equilíbrio geral na Economia Austríaca que tenha incluído Wieser, Schumpeter, Hayek e a maioria dos economistas austríacos da geração de Hayek. Para contribuições de ambos os lados, ver: KIRZNER, Israel. The Economic Calculation Debate: Lessons for Austrians. *Review of Austrian Economics*, 2, 1988. p. 1-18; Idem. Reflections, on the Misesian Legacy in Economics, *Review of Austrian Economics*, 9 (2), p. 143-54; Entrepreneurial Discovery and Competitive Market Process: An Austrian Approach, *Journal of Economic Literature*, 35 (March). p. 79-80; SALERNO, Joseph T. Ludwig von Mises as Social Rationalist. *Review of Austrian Economics*, 4, 1990. p. 26-54; Idem. Postscript: Why a Socialist Economy Is ‘Impossible’. In: MISES, Ludwig von. *Economic Calculation in the Socialist Commonwealth*. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 1990, p. 51-71; Idem. Mises and Hayek Dehomogenized. *Review of Austrian Economics*, 6 (2), 1993. p. 113-46; Reply to Leland Yeager, *Review of Austrian Economics*, v. 7, n. 2, 1994. p. 111-25;

Rothbard contribuiu com quatro ensaios, sobre metodologia, o papel dos julgamentos de valor na ciência econômica, os precursores escolásticos da Economia Austríaca, e teoria monetária austríaca³¹. Estavam enraizados diretamente no paradigma praxeológico originado por Menger e Böhm-Bawerk, formulados de maneira exaustiva por Mises.

Lachmann, nas suas contribuições apresentou a posição niilista, argumentando que, por ser o conhecimento imprevisível e continuamente mutável, os preços de todo dia que observa-

Idem. The Place of Human Action in the Development of Modern Economic Thought. *Quarterly Journal of Austrian Economics*, 2 (1); Idem. Friedrich von Wieser and Friedrich von Hayek: The General Equilibrium Tradition in Austrian Economics, *Journal des Economistes et Études Humaines*, 12 (junho/setembro), 2002; ROTHBARD, Murray N. The End of Socialism and The Calculation Debate Revisited. *Review of Austrian Economics*, v. 5, n. 2, 1991. p. 51-76; YEAGER, Leland B. Mises and Hayek on Economic Calculation. *Review of Austrian Economics*, v. 7, n. 2, 1994. p. 93-109; HOPPE, Hans-Hermann. Socialism: A Property or Knowledge Problem? *Review of Austrian Economics*, v. 9, n. 1, 1996. p. 143-49; HERBENER, Jeffrey M. Calculation and the Question of Arithmetic. *Review of Austrian Economics*, v. 9, n. 1, 1996. p. 143-49; HÜLSMANN, Jörg Guido. Knowledge, Judgment and the Use of Property, *Review of Austrian Economics*, v. 10, n. 1, 1997. p. 23-48; REYNOLDS, Morgan O. The Impossibility of Socialist Economy, Or a Cat Cannot Swim the Atlantic Ocean. *Quarterly Journal of Austrian Economics*, v. 1, n. 2, 29-43; Boettke, Peter J. Economic Calculation: The Austrian Contribution to Political Economy. *Advances in Austrian Economics*, 5, 1998. p. 131-58; HORWITZ, Steven. Monetary Calculation and Mises’s Critique of Planning. *History of Political Economy*, v. 30 (Fall), p. 427-50; CALDWELL, Bruce. Wieser, Hayek and Equilibrium Theory, *Journal des Economistes et Études Humaines*, v. 12 (March). p. 47-66.

³¹ ROTHBARD, Murray N. Praxeology: The Methodology of Austrian Economics. In: DOLAN, Edwin (Ed). *The Foundations of Modern Austrian Economics*. Kansas City: Sheed and Ward, 1976. p. 19-39; Idem. New Light on the Prehistory of the Austrian School. In: DOLAN. *The Foundations of Modern Austrian Economics*. p. 52-74; Idem. Praxeology, Value Judgments, and Public Policy. In: DOLAN. *The Foundations of Modern Austrian Economics*. p. 89-111; Idem. The Austrian Theory of Money. In: DOLAN. *The Foundations of Modern Austrian Economics*. p. 160-84.

mos, pagamos e que os empreendedores esperam comprar e vender no futuro não têm significado para o cálculo econômico e, portanto, a ciência econômica não pode dizer nada definido sobre a racionalidade ou o ponto ótimo da alocação de recursos no livre mercado. Ademais, Lachmann³² sustentou que o processo de mercado é guiado por expectativas autônomas e voláteis, separadas dos objetivos, do julgamento humano e da propriedade, o livre mercado é incapaz de eliminar sistematicamente, com o passar do tempo, empreendedores inferiores. Ambas as posições contradizem manifestamente a concepção de Mises da função dos preços, do empreendedorismo e do processo de mercado. Lachmann³³ também lesou de maneira escandalosa a reputação de Böhm-Bawerk, o reverenciado professor de Mises e o mais inovador dos teóricos do capital na história do pensamento econômico que *"Nunca quis ser um teórico do capital. Era essencialmente um ricardiano"*³⁴.

Em uma de suas contribuições, Israel Kirzner enfatizou³⁵ a distinção que fizera em obras anteriores entre o que chamou de economizador ou maximizador "robbinsiano", que propositalmente aloca seus recursos escassos naqueles fins que, espera, lhe tragam maior satisfação e o ator miseano que sempre está alerta e buscando por novos fins a seguir e meios de realizá-los.³⁶

³² LACHMANN, Ludwig M. On the Central Concept of Austrian Economics: Market Process. In: DOLAN. **The Foundations of Modern Austrian Economics**. p. 126-32.

³³ Ibidem. p. 145.

³⁴ A afirmativa de Lachmann entra nitidamente em conflito com o respeito que expressou numa obra anterior pelo *"gênio intuitivo de Böhm-Bawerk"* como teórico do capital e como aquele que *"via mais claramente"* que qualquer outro economista *"a heterogeneidade essencial de todo o capital"* (LACHMANN, L. M. **Capital and Its Structure**. Kansas City: Sheed Andrews and McMeel, 1978. p. 73).

³⁵ KIRZNER, Israel. Equilibrium Versus Market Process. In: DOLAN. **The Foundations of Modern Austrian Economics**. p. 115-25.

³⁶ Kirzner tinha introduzido essa distinção em: KIRZNER, Israel. **The Economic Point of View: An Essay in the History of Economic Thought**. Kansas City: Sheed and Ward, 1976. p. 108-85. E a desenvolveu

Em lugar algum, no entanto, na obra *Ação Humana* de Mises ou nas suas demais obras, a ação é definida em termos de uma perpétua busca por novas oportunidades. Para Mises, que como Lionel Robbins (1898-1984) baseou seu conceito de escolha no "homem economizador", a ação sempre envolveu a seleção do mais valioso dos fins conhecidos pelo ator no momento da escolha e é alcançável pelos conhecidos meios limitados ou que esperam ter à mão. De fato, o subtítulo do tratado alemão precursor, se traduzido, seria algo como "teoria ativa e economizadora", que nitidamente sugere as raízes do conceito de ação de Mises no conceito de ação do "homem economizador" mengeriano.³⁷ Mises foi além de Menger e Robbins para demonstrar explicitamente que os próprios conceitos de escassez e escolha constituem a condição universal de todos os seres racionais, que de modo consciente e propositado empenham-se para alcançar seus objetivos.

No mesmo ensaio, Kirzner repudia a explicação de determinação de preço em termos de curvas de oferta e demanda marshalianas como pressupostos de informação perfeita e, portanto, inadequada para explicar a formação dos preços de mercado atuais. Kirzner, no entanto, deixou de notar que as análises de oferta e demanda como desenvolvidas por Böhm-Bawerk, Wickssteed, Mises e Rothbard não se baseavam no pressuposto do conhecimento perfeito e da previsão e eram perfeitamente adequados para explicar a dinâmica do processo de preços nos mercados reais³⁸. Mises ofereceu uma afirmação concisa

como a base de sua visão típica do mercado como um processo de descoberta empresarial em *Competição e Atividade Empresarial* (1973).

³⁷ Registro minha dívida com Guido Hülsmann por traduzir o subtítulo e por alertar-me da relevância dele para o meu argumento.

³⁸ Ver, por exemplo: WICKSTEED, Philip, **The Common Sense of Political Economy and Selected Papers and Reviews on Economic Theory**. Ed. Lionel Robbins. New York: Augustus M. Kelley, 1965. vol. 1, p. 212-36; vol. 2, p. 493-517; ROTHBARD, Murray N., *Austrian Definitions of the Money Supply*. In: SPADARO, Louis M. (Ed). **New Directions in Austrian Economics**. Kansas City: Sheed Andrews and McMeel, 1978. p. 91-140.

que expressa perfeitamente a essência da abordagem realista, mengeriana para oferta e demanda que incorpora ações e erros especulativos:

Os preços passam a existir pela avidez das pessoas para trocar uma comodidade ou serviço por outra comodidade ou serviço. São a consequência da prontidão para comprar e vender de vários indivíduos. Todo preço é o produto de uma constelação definida de oferta e demanda. Nenhum preço poderia ser diferente daquele que existe, porque deixaram de surgir pessoas no mercado, na ocasião em que este estava pronto a oferecer um preço maior ou a pedir um preço menor. A estrutura de preços reflete o estado de condições materiais que determina a existência das pessoas e o sucesso dos esforços feitos para satisfazer suas necessidades mais urgentes, à medida que essas condições materiais o tornem viável³⁹.

O volume dos escritos coligidos da conferência de 1976 em Windsor Castle revelou um aguçamento e endurecimento ainda mais profundo nas abordagens e interesses fundamentais, dividindo lachmmanianos, kirznerianos e rothbardianos. Os últimos focados em promover aspectos específicos da principal linha da teoria econômica austríaca, com ênfase especial nas questões macroeconômicas⁴⁰. As contribuições dos kirznerianos e dos lachmmanianos, em grande parte, foram absorvidas por questões metodológicas e críticas mais amplas ao *mainstream* neoclássico e críticas entre si, evitando, visível-

³⁹ MISES, Ludwig von. Professor Hutt on Keynesianism. In: GREAVES. **Economic Freedom and Interventionism**. p. 140.

⁴⁰ Ver, em especial: ARMENTANO, Dominick T. A Critique of Neoclassical and Austrian Monopoly Theory. In: SPADARO. **New Directions in Austrian Economics**. p. 94-110; ROTHBARD, Murray N. Austrian Definitions of the Money Supply. In: SPADARO. **New Directions in Austrian Economics**. p. 143-56; GARRISON, Roger. Austrian Macroeconomics: A Diagrammatical Exposition. In: SPADARO. **New Directions in Austrian Economics**. p.167-204]. Todos os três ensaios se tornaram clássicos no renascimento da Escola Austríaca. Outro capítulo digno de nota nesse livro e que reflete forte influência rothbardiana é: RIZZO, Mario. Praxeology and Econometrics: A Critique of Positivist Economics, In: SPADARO. **New Directions in Austrian Economics**.

mente, os tópicos macroeconômicos de moeda e ciclos econômicos.

Com a mudança sutil do apoio institucional para as variantes kirznerianas e lachmannianas da economia austríaca apenas começando em 1977, Rothbard notou, com perspicácia, o efeito nos jovens austríacos e quase imediatamente começou a apregoar um retorno à principal linha da tradição miseana. Em uma carta que me enviou em 1977 rejeitando, com razão, um artigo que submetera ao *Journal of Libertarian Studies* por estar impregnado de "lachmannia", concluiu:

Expresso, com veemência, minha opinião sobre Lachmann porque estou horrorizado, desde que li alguns dos artigos escritos pelos bolsistas [de verão] daqui [no Institute of Humane Studies em Menlo Park na Califórnia] como a lachmannia permeou-se na maneira de raciocinar. Estou convencido que Mises teria considerado Lachmann (um institucionalista, niilista e keynesiano) um "antieconomista" e ele estaria certo. Lachmann não é absolutamente austríaco. Voltemos a Mises!⁴¹

Em meados de 1978, o temerário afastamento de Mises e do paradigma praxeológico tinha começado a se tornar sério e a divisão na Economia Austríaca era discutida abertamente por todos os lados. Por exemplo, o finado Don Lavoie (1951-2001) escreveu uma resenha do Seminário mensal de Economia Austríaca realizado na New York University para a *The Austrian Economics Newsletter*, publicado no outono de 1978. Exatamente nesse exemplar aconteceu de vir uma entrevista de Lachmann. Nessa resenha, Lavoie identificou nitidamente "duas tendências intelectuais contrastantes entre os austríacos: 'niilismo' e 'ricardianismo'". E prosseguiu ao declarar, "a Escola Austríaca moderna pode ser proveitosamente analisada com a ferramenta teórica desse espectro 'niilista-ricardiano'"⁴². Os niilistas compreendiam

⁴¹ Rothbard, Correspondência pessoal, carta de 3 de setembro de 1977 para Joseph T. Salerno.

⁴² LAVOIE, Don, Austrian Economics Seminar: Part II: 1976-77, **Austrian Economics Newsletter**, v. 1 (Fall), p. 5. Posteriormente, Lavoie surgiu como líder da facção niilista quando tentou implantar o método hermenêutico na Economia Austríaca em meados dos anos 1980.

Lachmann e o economista britânico George Shackle (1903-1992), que era colega de Lachmann e assistente de pesquisa de Hayek na London School of Economics em meados dos anos 1930⁴³. “ricardiano” era o termo ridículo retirado da caracterização de Böhm-Bawerk de Lachmann por seus seguidores mais jovens e referia-se a Rothbard e seus seguidores, bem como a Kirzner, por causa da ênfase na tendência de equilíbrio comunicada ao processo de mercado pelas atividades empresariais.

O próprio Shackle, que se tornou um dos primeiros gurus da ala niilista, admitiu na entrevista para *The Austrian Economics Newsletter* que a sua abordagem econômica envolvia “uma postura muito niilista e percebo isso”. Também declarou, na mesma entrevista: “Estou há quase quarenta anos dizendo que a Economia não é uma ciência, e não devemos chamá-la de ciência”. Quando perguntado pelo entrevistador que tipo de conselho acreditava que um economista poderia, com prudência, dar para aos elaboradores de políticas públicas para melhorar o bem-estar econômico da sociedade, respondeu:

Minha ideia de bem-estar econômico é que seja escolhido um administrador, um homem que tenha consciência de si mesmo, de grande comiseração, com uma mente generosa, e então, seja dito: “Deixem com ele!” Não creio que seja possível fazer nada melhor⁴⁴.

Em outras palavras, é a intuição de um ditador benevolente ou um czar econômico ser mais capaz de identificar os processos necessários para assegurar a eficiência econômica e a prosperidade que o raciocínio sistemático da ciência econômica.

Pelo final dos anos 1970, com uma base institucional cada vez menor para Rothbard, o renascimento rothbardiano da Escola Austríaca que começara a amadurecer, no início dos anos 1970, correu sério risco de definhar. Nesse ínte-

rim, os recursos necessários para erigir um arcabouço institucional para os dois ramos alternativos da Economia Austríaca contemporânea estavam jorrando. Um programa austríaco muito bem lastreado de doutoramento fora iniciado na New York University onde Kirzner ganhara estabilidade como membro docente, Lachmann fora contratado para um semestre por ano como professor visitante, e dois outros jovens austríacos foram contratados por tempo integral como membros docentes em 1978⁴⁵. As perspectivas para o renascimento rothbardiano diminuíram consideravelmente quando, em 1980, um programa de doutoramento ricamente financiado que defendia visões anti-miseanas e pró-lachmanianas da economia de “processos de mercado” foi instituído na George Mason University no Norte da Virgínia⁴⁶.

O rompimento de Rothbard com o Cato Institute no início de 1981, deixou-o, mais uma vez, intelectualmente isolado e institucionalmente desamparado, mas nem seu espírito nem sua produtividade acadêmica diminuíram. Na verdade, cada contrariedade só aferrava sua

⁴⁵ Os dois jovens membros docentes da NYU eram Mario J. Rizzo, um estudioso de Hayek, muito produtivo, que se especializou na disciplina Economia do Direito, e Gerald P. O'Driscoll, Jr. uma estrela em ascensão na macroeconomia austríaca que acabara de publicar um livro sobre as contribuições de Hayek a teoria dos ciclos econômico e monetário (O'DRISCOLL, JR., Gerald P. **Economics as a Coordination Problem: The Contributions of Friedrich A. Hayek**. Kansas City: Sheed Andrews and McMeel, 1977). Os dois posteriormente colaboraram para um livro chamado *The Economics of Time and Ignorance*, que, como sugere o título, lida extensivamente com temas lachmannianos e hayekianos, influenciando significativamente a geração de jovens estudiosos austríacos que tinham ingressado há pouco para os programas de pós-graduação da NYU e da GMU no início dos anos 1980. [O'DRISCOLL, JR., Gerald P. & RIZZO, Mario. **The Economics of Time and Ignorance**. New York: Basil Blackwell, 1985]. Para uma resenha crítica do livro do ponto de vista miseano, ver: BAIRD, Charles W., *The Economics of Time and Ignorance: A Review*. **Review of Austrian Economics**, v. 1, 1987.

⁴⁶ Esse programa, desde então, transformou-se em um programa austríaco *bona fide*, segundo a economia miseana, em grande parte pelos esforços de Peter Boettke.

⁴³ A obra de Shackle que exerceu maior influência nos niilistas austríacos foi: SHACKLE, G.L.S. **Epistememics and Economics: A Critique of Economic Doctrines**. New York: Cambridge University Press, 1972.

⁴⁴ SHACKLE, G. L. S. An Interview with G. L. S. Shackle. **Austrian Economics Newsletter**, v. 4 (Spring), 1983. p. 7.

determinação para completar o renascimento da economia miseana e reconstruir o arcabouço institucional necessário para seu permanente florescimento. Ao longo de todo o início dos anos 1980, Rothbard continuou a promover o paradigma austríaco nas áreas da análise monetária, economia aplicada e economia política, publicando vários ensaios clássicos, dentre eles: “O Mito da tributação neutra” (1981)⁴⁷; “Lei, direito de propriedade e poluição do ar” (1982)⁴⁸; “O *Federal Reserve* como um dispositivo de cartelização” (1984)⁴⁹; e “A defesa de um verdadeiro dólar-ouro” (1985)⁵⁰. Durante esse período publicou também dois livros: *The Ethics of Liberty* [A Ética da Liberdade] (1982)⁵¹ e *The Mystery of Banking* [O Mistério da Atividade Bancária] (1983)⁵². O primeiro desses livros foi um marco divisório na história da filosofia social como a primeira obra a oferecer a variante anarco-capitalista de economia política libertária com um fundamento ético na teoria dos direitos naturais. No processo, Rothbard demonstrou que o direito à propriedade – da própria pessoa e dos bens apropriáveis – é o conceito unificador fundamental tanto da filosofia política normativa como da ciência econômica livre de valor.

⁴⁷ ROTHBARD, Murray N. *The Myth of Neutral Taxation. The Logic of Action 2: Applications and Criticism from the Austrian School*. Cheltenham: Edward Elgar, 1997.

⁴⁸ Idem. *Law, Property Rights, and Air Pollution*. In: *The Logic of Action 2*.

⁴⁹ Idem. *The Federal Reserve as a Cartelization Device: The Early Years, 1913-1930*, *Money in Crisis*, ed. Barry Siegel, São Francisco: Pacific Institute of Policy Research e Cambridge, Mass.: Ballenger Publishing, p. 89-136.

⁵⁰ Idem, *The Case for a Genuine Gold Dollar*, *The Logic of Action 1: Method, Money, and the Austrian School*, Cheltenham: Edward Elgar, 1997.

⁵¹ Idem. *The Ethics of Liberty*. New York: New York University Press, 1982. [Em língua portuguesa a obra está disponível na seguinte edição brasileira: ROTHBARD, Murray N. *A Ética da Liberdade*. Intr. Hans-Hermann Hoppe; Trad. Fernando Fiori Chiocca. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2ª Ed., 2010].

⁵² Idem. *The Mystery of Banking*. New York: Richardson and Snyder, 1983.

The Mystery of Banking era uma teoria e história da moeda e do sistema bancário a partir de um ponto de vista austríaco e, como sugere o título, acessível aos que não são especialistas em economia. Não obstante, continha uma extensão importante de teoria monetária austríaca. Especificamente, Rothbard integrou uma exposição detalhada da múltipla expansão de crédito bancária à teoria monetária austríaca. Essa tarefa nunca fora realizada antes por Mises ou por Rothbard ao tratar de moeda em trabalhos anteriores e constituía uma lacuna na explicação austríaca do processo de oferta monetária. O processo secreto pelo qual o sistema de reserva fracionária dos bancos opera para multiplicar a demanda de depósitos foi exposta pela primeira vez de maneira sistemática pelo economista norte-americano de orientação austríaca C. A. Phillips em 1920⁵³. Além dessa contribuição positiva, Rothbard corrigiu um desvio errôneo da análise pioneira de Phillips que começou a brotar após a Segunda Guerra Mundial e, especialmente, após a publicação da influente obra de Milton Friedman (1912-2006) e Anna Schwartz (1915-2012), *Monetary History of the United States* [História Monetária dos Estados Unidos] em 1963. Enquanto Phillips derivara um multiplicador de “reserva” simples, mas versátil, capaz de distinguir entre as influências da política do banco central, operações bancárias comerciais e as ações do público não bancário sobre o estoque de moeda, livros-texto modernos, seguindo Frie-

⁵³ Phillips prosseguiu ao escrever em co-autoria uma monografia em 1937 sobre a Grande Depressão nos Estados Unidos em que empregou sua análise do processo multiplicador de depósitos combinada com a teoria austríaca de ciclos econômicos como uma base interpretativa e concluiu que a causa primária da depressão foi a expansão de crédito bancário orquestrada pelo FED nos anos 1920 (PHILLIPS, C. A., McMANUS, T. F. e NELSON, R. W. *Banking and the Business Cycle: A Study of the Great Depression in the United States*. New York: Arno Press and New York Times, 1972). Outro interesse doutrinário é o fato de Herbert Davenport (DAVENPORT, Herbert J. *Economics of Enterprise*. New York: Augustus M. Kelley, 1968), outro economista norte-americano fortemente influenciado pelos primeiros austríacos, delinear brevemente o processo multiplicador de depósitos em 1913.

dman e Schwartz⁵⁴ operavam com uma fórmula aparentemente mais sofisticada, a “emissão primária” (*high powered money*) ou multiplicador da “base monetária”, que funde essas duas influências. Ao retificar esse erro técnico e retirar do esquecimento a análise original de Phillips, Rothbard restaurou o próprio quadro analítico para interpretar os episódios históricos de prosperidade e declínio tais como a Grande Depressão⁵⁵.

Em 1977, Rothbard também se tornou o editor-fundador do *The Journal of Libertarian Studies*, uma revista acadêmica interdisciplinar que serviu como um canal para artigos ocasionais sobre economia aplicada e sobre política econômica a partir da perspectiva austríaca, continuando a editá-lo por todo esse período.

Apesar da contínua produtividade de Rothbard durante esse período de exílio institucional, a completa revolução na própria infraestrutura da economia austríaca agora açambarcava os produtos de seu gênio criativo, alcançando e moldando as jovens mentes da nova geração de alunos de pós-graduação. O niilismo de Shackle-Lachmann ou a abordagem de “descoberta” de Kirzner do processo de mercado foram os novos paradigmas em que os jovens acadêmicos austríacos agora estavam imersos.

II.3 - Fase 3: O Quarterly Journal of Austrian Economics e o Retorno de Ludwig von Mises (1987-presente)

Rothbard reconheceu claramente que o rápido alastramento da linha lachmanniana de niilismo, a divinização calculada de pessoas metodologicamente tolerantes como Hayek e a desconsideração do “supostamente” dogmático Mises que foi promovida por novos arranjos institucionais, estava começando a cair e retroagir no moderno pensamento econômico austríaco. Felizmente, ao contrário da postura defendida

por Menger e Böhm-Bawerk, Rothbard acreditava que não poderia deixar o erro intelectual seguir seu curso sem ser desafiado. Além disso, compreendeu que combater esses erros particulares e restaurar o paradigma da praxeologia Mieseana como o âmago da Economia Austríaca requereria uma estrutura de meios institucionais complementares. Assim nasceu a ideia de uma revista acadêmica dedicada exclusivamente à promoção da Economia Austríaca; esta não foi uma ideia de Rothbard, originalmente, mas sim de Llewellyn H. Rockwell.

Quando Rockwell fundou o Ludwig von Mises Institute em 1982, tinha, sozinho, estabelecido os fundamentos institucionais para a restauração de uma Economia Austríaca sadia – uma Escola Austríaca abertamente inspirada na visão científica de Ludwig von Mises. O Mises Institute foi indispensável para resgatar o moderno movimento austríaco que fora iniciado por Rothbard em 1962 e que pelo início dos anos 1980 estava claramente naufragando. Quando Rockwell sugeriu a ideia de uma revista acadêmica como um componente desse esforço de resgate institucional, Rothbard imediatamente viu o valor dessa ideia e tomou a revista como o principal instrumento para recuperar a Escola Austríaca daqueles que a tinham despido do seu conteúdo essencialmente miseano em busca de aceitação pelos economistas do *mainstream*. Por isso, Rothbard estimulou a escolha de um nome diferente e audaz para a revista que proclamaria, orgulhosa e explicitamente, a Economia Austríaca como uma alternativa para a síntese neoclássica-keynesiana que prevalecia. Sofreu oposição de vários austríacos mais jovens que defendiam um nome menos provocador e menos descritivo como *Journal of Market Process* [Revista do Processo de Mercado]. Rothbard, perceptivamente reconheceu que essa concessão, no nome da revista, ao disfarçar seria o primeiro passo para diluir o núcleo praxeológico da Economia Austríaca. Rothbard respondeu aos críticos:

Parece-me que uma das glórias de tal revista é, exatamente, ser direta, levantar bem alta a bandeira do austrianismo e fazê-lo ser identificado como uma escola de pensamento distinta, que naturalmente é. Pensar diferente, embora no

⁵⁴ FRIEDMAN, Milton & SCHWARTZ, Anna Jacobson. *A Monetary History of the United States*, Princeton: Princeton University Press, 1963. p. 50-51.

⁵⁵ Nessa resenha, Lawrence White surpreendentemente deixa de mencionar os feitos expositivos e técnicos de Rothbard no livro.

curto prazo possa ser mais confortável para alguns membros ou contribuidores estar ligado a algum tipo de nome neutro, no longo prazo (ou até num prazo nem tão longo) faz toda a empreitada perder o objetivo [...] A luta pelo nome de uma revista não é somente um sintoma [...] O problema é o seguinte: muitos austríacos mais jovens [...] abandonaram a praxeologia miseana básica, a saber: que a teoria austríaca é deduzida de alguns poucos axiomas gerais implícitos na ação humana e que, portanto, o método econômico é fundamentalmente diferente dos métodos das ciências físicas [...] Muitos austríacos [...] são antipraxeológicos e, portanto, antimiseanos e tentam preservar uma moderna unidade metodológica das ciências [...] por fazerem parte do *mainstream* que apenas falam de “desequilíbrio”, tempo e “processos de mercado” [...]. A chave é a praxeologia, e essas pessoas a abandonaram [...] portanto, creio que esconder-se por trás de supostas diferenças táticas a respeito do nome da revista demonstra um problema muito mais profundo: o abandono do próprio austrianismo⁵⁶.

Dessa maneira, o nome da revista veio a ser *The Review of Austrian Economics* e foi inicialmente boicotada por inúmeros proeminentes austríacos mais jovens que se recusaram a fazer parte do conselho editorial ou a enviar artigos. Não obstante, a revista prosperou e foi de uma tiragem anual para trimestral com o novo título de *The Quarterly Journal of Austrian Economics*⁵⁷.

⁵⁶ Memorandos de Murray Rothbard para Llewellyn H. Rockwell de 30 de maio e de 18 de julho de 1982.

⁵⁷ *The Review of Austrian Economics* agora é uma outra revista, mais recente, que começou a ser publicada em 1999 aos cuidados editoriais de Peter J. Boettke. Segundo o editorial do primeiro volume da nova *Review of Austrian Economics*, a contribuição austríaca para a história intelectual “era combinar a lógica do interesse da análise econômica com a ênfase sociológica clássica nas instituições sociais [...] Esse ainda é o programa austríaco”. A missão dessa revista é, portanto, preencher um “nicho de mercado intelectual” na economia contemporânea que é “definido por problemas não resolvidos e questões não respondidas dentro das ‘caixas pretas’ dos desejos e crenças humanos, das expectativas e previsões imperfeitas, da novidade e da mudança, e da história das instituições” (BOETTKE, Peter.

Em 1982, Rothbard encerrou suas observações sobre a controvérsia acerca do nome da revista com a seguinte afirmação:

De qualquer maneira, temos um caminho difícil pela frente no austrianismo, tendo de resgatá-lo do nihilismo de Lachmann-Shackle, da ‘probababoseira’ de Stanford [...] da filosofia moderna e do hayekianismo *fuzzy*. Tudo isso faz com que uma instituição militante seja mais que necessária⁵⁸.

Lew Rockwell nos deu uma instituição militante; Murray Rothbard nos deu uma revista intransigente. Com tais meios institucionais à disposição temos conseguido alcançar nossa meta: colocar a Escola Austríaca moderna novamente nos trilhos e recuperar os nomes de Mises e Rothbard como os mestres modernos na busca científica da verdade econômica.∞

Is there an Intellectual Market Niche for Austrian Economics. **Review of Austrian Economics**, 11 (1/2), 1999. p. 3-4). A missão dessa nova revista é mais difusa que a de inspiração rothbardiana, que pretendia promover e disseminar o paradigma praxeológico até ser amplamente percebido como substituto viável do paradigma positivista em economia em rápida degeneração e cada vez mais insípido. Identificar a diferença nas respectivas missões não é sugerir que as revistas não sejam complementares num espectro mais amplo do movimento austríaco. Na verdade, um número cada vez maior de acadêmicos austríacos publicam regularmente em ambas as revistas, bem como no *Journal des Economistes et Études Humaines* (que aceita artigos em inglês) e publicações mais voltadas às políticas públicas como o *Independent Journal of Political Economy*.

⁵⁸ Memorando de Murray Rothbard para Llewellyn H. Rockwell de 18 de julho de 1982.